



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS ITABAIANA**

LILIANE SOUZA SILVA

**LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA
REPRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA NO FILME *NADA QUE EU OUÇA*
(2008)**

ITABAIANA - SE

2025

LILIANE SOUZA SILVA

**LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA
REPRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE SURDA NO FILME *NADA QUE EU OUÇA*
(2008)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da
Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

ITABAIANA - SE

2025

LILIANE SOUZA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pelo Departamento de Letras de Itabaiana da
Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto Carvalho, em 12 de setembro de
2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.a. Dra. Daisy Mara Moreira de Oliveira
Universidade Federal de Sergipe
Orientadora- Membro interno

Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira
Avaliador Externo

ITABAIANA - SE

2025

AGRADECIMENTOS

Primordialmente, agradeço e dedico minha vida a Deus. O Senhor me capacitou e viu valor em quem sou, até mesmo quando eu não conseguia enxergar. Fez com que meus sonhos não permanecessem apenas no coração, mas se tornassem realidade, atendendo às orações feitas com fé. Este trabalho é mais um cumprimento da promessa registrada em Jeremias 29:11: “Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês, diz o Senhor: planos de fazê-los prosperar e não de causar danos, planos de dar a vocês esperança e um futuro.”

Seguidamente, rendo graças aos meus pais, Angélica e Honorato, que dedicaram suas vidas para sempre me proporcionar o melhor; vocês me trouxeram até aqui. Agradeço aos meus irmãos — Dillian, Dilliane, Leila, Hugo, Lívia e Isaque —, que foram meu combustível para a constante melhoria, sempre zelando para que eu permanecesse firme em um propósito maior: quebrar ciclos. É um privilégio dividir a vida com vocês, e estarei sempre aqui para o que precisarem.

Sou grata à minha avó, Dona Eurice, que em vida me ensinou, com muito amor, a cultivar a fé no coração, mesmo diante das tempestades. Aos meus tios e tias, que cuidaram de mim como filha, e às minhas primas, que me proporcionaram tantas memórias felizes, deixo também minha gratidão. Agradeço, ainda, ao meu cunhado João Victor, por seus sábios conselhos, e ao meu irmão de coração, Aenio, meu grande exemplo, em quem vejo Jesus. Obrigada por terem feito o melhor por mim.

Se hoje posso olhar para trás e transbordar em felicidade, é porque o meu grande amor trilhou esta jornada comigo. Arthur Keven, você é meu amparo dado por Deus, meu sustento nas horas difíceis e bênção constante na minha vida. Obrigada por ser um companheiro tão presente e por me conceder uma segunda família: minha amada sogra Delma, mulher de oração e cuidado, e meu sogro Itamar, que me ensina a valorizar o simples. Obrigada por me receberem como filha.

Continuamente, agradeço às amigas que me acompanharam até aqui — Ananda, Bárbara, Emilli, Drielly, Marine, Tainah, Larissa e Letícia —; vocês abrilhantaram minha jornada e não me deixaram esquecer quem verdadeiramente sou. Amo cada uma de maneira única.

Por fim, celebro a mim mesma, reconhecendo meus valores e princípios inegociáveis. A caminhada não foi fácil; houve momentos em que minha autocrítica feriu o próprio coração. Contudo, hoje comemoro com a certeza de que nunca perdemos por sermos honestos, pacientes e constantes. Eu venci, e este é apenas o começo, pois o amor de Cristo me motiva

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado “Língua, cultura e identidade: uma análise sociolinguística da representação da comunidade surda no filme *Nada que eu ouça* (2008)”, aborda como a língua, cultura e identidade estão intrinsecamente relacionadas e em como são representadas na sociedade sob a ótica da sociolinguística interacional, que compreende a língua como fenômeno social e dinâmico, construído pelo contexto dos falantes. A pesquisa de caráter qualitativo, tem como metodologia bibliográfica aliada à análise filmica para espelhar o preconceito linguístico e as demais mazelas que ainda estão presentes na realidade da comunidade surda. O objetivo geral deste trabalho é promover uma análise filmica, da obra *Nada que eu ouça*, com embasamento teórico na sociolinguística interacional, visando a identificar alguns aspectos sobre a complexa ligação entre língua, cultura e sociedade e como a ausência de domínio de tais assuntos resultam no preconceito linguístico. Continuamente, este trabalho aborda: A história da surdez de maneira cronológica, indo da antiguidade até a contemporaneidade; O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como língua oficial; A sociolinguística interacional e sua visão sobre a língua e a identidade e cultura surda. Portanto, esta análise deixa evidente que a língua é um fenômeno social e de extrema relevância para a inclusão e valorização de diferentes culturas. Assim, promovendo cidadania, equidade, exaltação da diversidade e arma poderosa de posicionamento, para mudanças e práticas apáticas na sociedade.

Palavras-chave: Língua. Cultura. Identidade. Sociedade. Surdo. LIBRAS. Inclusão.

ABSTRACT

This undergraduate thesis, entitled “*Language, Culture, and Identity: A Sociolinguistic Analysis of the Representation of the Deaf Community in the Film Nothing That I Hear (2008)*”, examines the intrinsic relationship between language, culture, and identity, as well as their social representation from the perspective of interactional sociolinguistics, which understands language as a social and dynamic phenomenon constructed through speakers’ contexts. This qualitative study adopts a methodological approach that combines bibliographic research with film analysis in order to highlight linguistic prejudice and other issues that remain present in the reality of the Deaf community. The general objective of this study is to conduct a film analysis of *Nada que eu ouço*, grounded in interactional sociolinguistics, with the aim of identifying aspects of the complex relationship between language, culture, and society, and of demonstrating how the lack of understanding of these elements contributes to the perpetuation of linguistic prejudice. Additionally, the study addresses: the history of deafness from a chronological perspective, spanning from Antiquity to contemporary times; the recognition of Brazilian Sign Language (LIBRAS) as an official language; and the theoretical foundations of interactional sociolinguistics, particularly regarding the construction of Deaf identity and culture. The analysis demonstrates that language constitutes a social phenomenon of fundamental importance for the inclusion and appreciation of diverse cultures, promoting citizenship, equity, and recognition of diversity, while also serving as a powerful instrument for social positioning capable of fostering change and confronting exclusionary practices in society.

Keywords: Language. Culture. Identity. Society. Deaf. LIBRAS. Inclusion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. METODOLOGIA.....	12
2. SURDOS NA ANTIGUIDADE ATÉ A MODERNIDADE.....	14
2.1 SURDOS NA IDADE CONTEMPORÂNEA.....	20
3. SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL - LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE.....	25
4. LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	30
5. IDENTIDADE E CULTURA SURDA SOB A ÓTICA SOCIOLINGUÍSTICA.....	36
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) teve início a partir do interesse e da criticidade sob a luz dos temas abordados em sala de aula – capacitismo, preconceito, violências em suas diversas vertentes, crimes hediondos etc, referentes à comunidade surda e/ou pessoas com deficiência auditiva, por meio da disciplina de Língua Brasileira de Sinais, ofertada na Universidade Federal de Sergipe (UFS), campus Itabaiana-SE. Para melhor entendermos sobre os temas desenvolvidos, a docente da disciplina em questão reservou uma das aulas para assistirmos ao filme “Sweet nothing in my ear” (2008) - Em português: “Nada que eu ouça”. Essa obra cinematográfica foi crucial para nos mostrar a discrepância das dificuldades existentes na realidade de um surdo em comparação à de um ouvinte. A cada cena havia um novo despertar de sensibilidade, empatia e conhecimento acerca da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), da cultura e identidade surda, o que nos trouxe até a realização desta pesquisa.

Ainda dentro de uma perspectiva crítica e social, a turma de Letras Vernáculas, ao ter contato com a disciplina de Sociolinguística, especialmente o tópico da sociolinguística interacional, teve a oportunidade de aprimorar sua visão diante da língua em uso e seus impactos – positivos ou negativos – bem como a forma como a população a utiliza para se expressar, manter relações sociais, fortalecer sua cultura econômica, política, religiosa, gastronômica etc. É inegável dissociar língua e sociedade, pois a linguagem é volátil, apresentando constantes variações e variedades, adaptando-se ao contexto presente. Conforme Falabella Fabrício (2020, pg 9), "as relações sociais costuradas no discurso e na interação serão sempre construídas, sustentadas, desestabilizadas ou transformadas na política da vida diária e suas atividades corriqueiras".

Logo, tais transformações trazem consigo o enraizado debate do que é “certo” ou “errado” no uso da língua, definido por grupos privilegiados. Essa prática, conhecida como preconceito linguístico, ignora o fato do Brasil ser um país multicultural, como define Quental (1996, p. 10):

O Brasil é um país não apenas multilíngue e multidialetal. Ele é também uma sociedade multicultural – a quantidade e diversidade de subculturas agregadas em comunidades de fala devem ser vistas não como um problema, mas antes de tudo como um recurso tão precioso quanto a biodiversidade o é a nível biológico.

Como consequência, observa-se a exclusão social, preconceito linguístico, capacitismo, desumanização etc. Assim, nota-se a necessidade de uma reformulação na construção do modelo

de dialeto a ser valorizado, que, atualmente, é fundamentado por indivíduos que, em sua maioria, não possui compreensão básica sobre a complexa ligação entre língua, cultura e sociedade .

Diante disso, evidencia-se à intensa interligação entre os assuntos tratados nas disciplinas de Língua Brasileira de Sinais e Sociolinguística interacional, que defendem os direitos dos oprimidos diante das crenças que limitam o acesso a direitos básicos. Como forma de conscientização, este trabalho propõe-se apresentar a importância das pesquisas bibliográficas e obras cinematográficas no combate ao preconceito linguístico acerca da modalidade visual-motora.

O objetivo geral deste trabalho é promover uma análise filmica, da obra *Nada que eu ouça*, com embasamento teórico na sociolinguística interacional, visando a identificar alguns aspectos sobre a complexa ligação entre língua, cultura e sociedade e como a ausência de domínio de tais assuntos resultam no preconceito linguístico. Iremos fazer a intertextualidade, reforçando a teoria desenvolvida com cenas - servindo de material prático - para exemplificar como tais temas acontecem na realidade dos dois grupos: ouvintes e surdos.

Temos como objetivos específicos apresentar, de maneira cronológica, a história da comunidade surda, iniciando na antiguidade, indo até a idade contemporânea; Os principais acontecimentos da idade modernidade: Como sociolinguística interacional explica a complexa ligação entre língua, cultura e sociedade; O papel da língua de sinais como marcador identitário e ferramenta de inclusão e debater teoricamente sobre identidade e cultura surda sob a ótica sociolinguística.

Para servir de questão norteadora, partimos da seguinte pergunta: *De que modo a falta de conhecimento social sobre a Língua, cultura e sociedade pode intensificar os estereótipos linguísticos na Língua Brasileira de Sinais?* Tal questão, ao ser respondida, fará parte do corpus da pesquisa, contribuindo para o combate ao preconceito linguístico relacionado à modalidade visual-motora.

Esta análise filmica com embasamento bibliográfico tem grande relevância para a comunidade científica, acadêmica e a sociedade em geral. Ela permite o reconhecimento e a valorização da história e das raízes culturais da comunidade surda, rompendo com conceitos antigos e limitantes. Esses estudos preenchem lacunas sobre o funcionamento e a importância da Língua Brasileira de Sinais.

No campo científico, ao reunir e analisar documentos, livros, artigos e reflexões teóricas, sistematizando esses dados, fortalece-se o reconhecimento da LIBRAS como objeto legítimo de estudo em áreas como direitos humanos, educação e saúde. Assim, fornece-se subsídios para que instituições de ensino utilizem esse conhecimento como ferramenta de inclusão e valorização da diversidade linguística; Nas instituições de ensino, esta investigação é fundamental ampliar a compreensão sobre política linguística e direitos sociais, promovendo um ambiente escolar mais acolhedor, respeitoso e eficiente. Afinal, sem comunicação clara, não há humanização; No âmbito social, as pesquisas sobre a LIBRAS desempenham um papel transformador. Ao compreenderem a importância dessa língua como meio de comunicação, representatividade e expressão cultural da comunidade surda, quebram-se estigmas e elimina-se a invisibilidade. Isso possibilita acesso à educação bilíngue e políticas públicas inclusivas, incentivando uma mudança de mentalidade na sociedade como um todo. Segundo Fontana (2018, pg 66), a importância da pesquisa bibliográfica se dá por:

Por ser basilar na formação educacional de qualquer indivíduo, a pesquisa bibliográfica deve se rotinizar tanto na vida profissional de professores e de pesquisadores, quanto na de estudantes. Essa rotinização se faz necessária pois esse conjunto amplo de indivíduos possui o interesse de conhecer as mais variadas, plurais e distintas contribuições científicas disponíveis sobre um determinado tema. É a pesquisa bibliográfica que oferece o suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

Diante do exposto, é comprovado que pesquisas como esta carrega uma suma importância a respeito do tema escolhido, servindo de embasamento para a identificação de problemáticas, apresentação de novas perspectivas, esclarecimento e recapitulação de estudos acerca da temática, buscando a evolução de toda uma comunidade – campo científico, instituições de ensino e demais âmbitos sociais - sobre a vertente da pesquisa e a discussão teórica que a mesma ocasionou.

Para a fundamentação teórica deste trabalho, escolhemos obras que abordam, com excelência, o campo da Língua de Sinais – conceito, identidade cultura e etc – e a Sociolinguística Interacional, tais como: MACHADO, Bueno Valle (2021). Integrando dois mundos: a fonoaudiologia, por Marcia Honora; e a licenciatura, por Mary Lopes. Esta obra apresenta a história da educação do surdo no mundo, entrando em detalhes em como se dava o capacitismo para com essa comunidade na antiguidade, idade moderna e idade contemporânea;

FABRÍCIO, Branca Falabella (2021). Estruturado em três seções, esta obra co-relaciona nove textos que apresentam o caminho do âmbito da sociolinguística interacional. Com abordagem densa, a escritora introduz suas ideias apresentando a interdisciplinaridade presente neste estudo. Há encontro da linguística, antropologia e sociologia; QUENTAL, Lucia (1997). Essa pesquisa é base para que possamos analisar, de maneira realista, as minúcias da realidade do Brasil, no que diz respeito à língua em uso, levando em consideração seus contextos sociais específicos e em como ela influencia as relações em comunidade. A autora traz uma abordagem direta sobre a diversidade linguística, identidade e poder, formação de atitudes linguísticas, ensino de língua e demais outros tópicos cruciais para o entendimento das complexas relações entre a língua, cultura e sociedade.

O espaço deste TCC (Trabalho de conclusão de curso) não nos permite detalhar todas as obras e trabalhos criados em torno da Sociolinguística Interacional e sobre a Língua de Sinais. Por isso, no desenvolvimento desta pesquisa, usamos outras fontes bibliográficas para fundamentação dos argumentos utilizados, mas que serão identificadas a cada citação.

A seguir, no primeiro capítulo, compreenderemos quais as metodologias escolhidas para dar forma para este trabalho, a fundamentação de cada uma delas, explicando seu funcionamento e importância e como qual método de organização foi utilizado no o corpus do texto, a obra cinematográfica *Nada que eu ouça, 2008*.

Posteriormente, daremos início ao segundo capítulo, desta pesquisa, que objetiva uma análise profunda sobre como se deu a construção dos estereótipos que marcaram a história da comunidade surda na sociedade. Usaremos uma ordem cronológica para que seja possível identificar as principais fases e quais personalidades influentes estavam envolvidas para moldar o imaginário social sobre a surdez, desde o tempo antigo até os dias atuais, que foram divididos em duas partes: (2) *Surdos na antiguidade até os dias atuais* e (2. 1) *Surdos na idade contemporânea*.

No terceiro capítulo, acontecerá a ampliação do que se trata a Sociolinguística interacional, apresentando como tal estudo multidisciplinar, segundo Falabella (2021) - linguística, filosofia, sociologia e etc, explica a complexa ligação entre língua, sociedade e cultura e a importância da língua no meio social, que vai para além de objeto de comunicação, como, também, ferramenta de proclamação da cultura e identidades dos seus falantes.

No quarto capítulo, faremos a fundamentação sobre como se dá, quais as são as identidades surdas e suas diferenças e qual a ligação dela para com a língua de sinais. Abordaremos a importância da existência e fortalecimento da identidade surda, bem como, vários estudiosos, apesar de inúmeras pesquisas, possuem dificuldade em defini-la exatamente. Também, como ela se difere da cultura, apesar de serem dependentes.

No quinto e último capítulo, traremos uma discussão teórica do que é a cultura surda - trazendo diferentes aspectos, que foram mudando no decorrer da história -, como acontece, o que a compõe e as dificuldades existentes para sua valorização, seguido das consequências e impactos - positivos e negativos - que toda a comunidade surda sofre decorrente das escolhas sobre tal temática.

Todos os capítulos serão relacionados com base na obra cinematográfica *Nada que eu ouça*, sob a ótica da sociolinguística internacional, projetando contribuir para a plena compreensão da relevância da Língua de Sinais como direito e via de acesso à cidadania. Nesse sentido, a obra audiovisual *Nada que eu ouça* (2008), servirá como corpus da pesquisa, ampliando nossa visão sobre diversidade linguística e o enfrentamento de estigmas em relação à comunidade surda.

1- METODOLOGIA

Para este trabalho, adotamos a junção do método de pesquisas bibliográficas mais análise fílmica, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativo - neste caso, compreendemos que as abordagens audiovisuais e teóricas, aqui expostas, exigem leitura contextualizada - Assim, conseguimos compreender de forma minuciosa como se deu o processo da construção da identidade e cultura da comunidade surda e a importância do papel da língua no social, através de levantamentos de estudos, obras literárias e demais documentos. Sobre o método bibliográfico, Gil (2008) diz que a pesquisa bibliográfica constitui um procedimento científico fundamental para o desenvolvimento do conhecimento em qualquer área do saber. Ela envolve o levantamento, a leitura e a análise crítica de materiais já publicados, como: livros, artigos, dissertações, teses, periódicos e documentos disponíveis em meios digitais ou físicos.

Também, teremos a ampliação dos assuntos retratados por meio dos elementos narrativos e visuais que compõem a obra cinematográfica. A análise fílmica foi escolhida como um dos métodos porque entendemos que o cinema é um espaço seguro para produção de sentido, fazendo com que as linguagens, sons, elementos visuais e simbólicos conversem entre si, possibilitando várias interpretações. Segundo Panafieu (2008, pg 2):

O objectivo da análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. Trata-se, acima de tudo, de uma actividade que separa, que desune elementos. E após a identificação desses elementos é necessário perceber a articulação entre os mesmos. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme. Não se trata de construir um outro filme, é necessário voltar ao filme tendo em conta a ligação entre os elementos encontrados.

Como corpus do trabalho, usaremos a arte visual “Sweet nothing in my ear”; em tradução livre: “Nada que eu ouça”; direção de Joseph Sargent (2008). Este filme possui a duração de 1 hora, 30 minutos e 11 segundos - disponível na plataforma YouTube - e foi escolhido pelo fato da retratação responsável acerca da história da comunidade surda. O filme gira em torno de uma audiência sobre a guarda do Adam, que é uma criança que perdeu a audição no início da infância. Logo, não é uma obra que é apresentada em ordem cronológica, ela vai voltando no tempo e explicando como chegamos até aquele ponto. Seus pais, Dan Miller e Laura Miller optaram pelo divórcio após um período de discussões familiares ao redor da ideia do implante coclear em seu filho. Dan, ouvinte e a adepto a possibilidade da reabilitação, toma algumas iniciativas para convencer Laura - que é surda e filha de pais ativistas surdos - a aceitar, ao menos, conhecer um

pouco do funcionamento desta nova tecnologia. Há demais personagens que vão depor, justificando seus posicionamentos. Durante toda a trama conseguimos ver prós e contras sobre o implante coclear - que não é o foco desta pesquisa - mas que através desta tensão aprenderemos com as lutas grupal, histórias particulares, experiências ouvintistas e surdas sobre como a jornada da comunidade surda segue sendo árdua, e um pouco do olhar social diante da mesma. O final é surpreendente.

Assim, contribuindo para a discussão proposta, a análise acontecerá por meio da observação de elementos como: enredo, personagens, linguagem e aspectos discursivos. Através de 21 capturas de telas, divididas em 9 colagens- realizadas pelo aparelho celular modelo: iPhone 13 pro max - buscaremos entender como os elementos acima corroboram para a construção de sentidos e entendimento sobre a ligação intrínseca entre língua, cultura, identidade e sociedade.

Dessa forma, essa metodologia foca na interpretação crítica, indo além da descrição do objeto de estudo, utilizando a técnica de inter-relacionar a parte prática com a teórica, permitindo uma compreensão mais aprofundada sobre os fenômenos base, citados acima. Tal abordagem, é natural no estudo de Letras, valorizando a leitura ativa, interpretação textual - filme é um tipo de texto - e a multidisciplinariedade presente na temática desenvolvida neste trabalho.

2- SURDOS NA ANTIGUIDADE ATÉ A MODERNIDADE.

Neste capítulo, buscaremos apresentar como fatores de imposição de uma norma linguística, a exclusão - em todos os âmbitos - e a falta de conhecimento sobre a surdez contribuíram para propagar preconceitos e atitudes de discriminação que ainda existem. usaremos a sociolinguística interacional para desenvolver a intrínseca relação entre língua, sociedade e cultura. Assim, temos como finalidade discutir como a construção e uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é um marco de resistência, identidade, pertencimento e afirmação cultural.

Antes de mais nada, é crucial especificar de que todo pré-conceito é formado de maneira social. Segundo Durkheim (1895) todo fato social deve ser explicado por fatos sociais anteriores. Durkheim mostra que os fatos sociais são formas de pensar, agir e sentir que existem fora do indivíduo e exercem poder coercitivo sobre ele. Ou seja, nossos pensamentos não são formados individualmente, mas sim decorrentes de uma sucessão de experiências socialmente vividas, tudo que acreditamos está profundamente enraizado no contexto em que fomos/estamos inseridos. A nossa percepção da Língua Brasileira de Sinais, por exemplo, está diretamente interligada à maneira como compreendemos e definimos a cultura e identidade surda em si, como também, a legitimidade da sua língua. Segundo Souza (1999, pg 1):

O pouco conhecimento que ainda temos dos surdos, enquanto personagens constitutivos de vários grupos sociais minoritários, pertencentes, pois, a comunidades tão legítimas quanto tantas outras, tem colaborado, e em muito, para a exclusão de gerações e gerações de surdos pela assimilação da diferença, pelo assujeitamento das alteridades à lógica da igualdade descabida de uns pouco.

Dito isto, seguiremos uma linha cronológica acerca da história da Língua de Sinais e como esses acontecimentos moldaram nossa compreensão do que é essa língua. Realizar uma retrospectiva da história da comunidade surda não é fácil, já que é recheada de avanços e retrocessos, de direitos obtidos e os mesmos anulados. Assim, é válido iniciar essa linha do tempo com a realidade dos surdos na Antiguidade. Segundo Carvalho (2007), nessa época, a maneira como os surdos eram tratados ia de acordo com a cultura. Enquanto no Egito e na Pérsia os surdos possuíam um aspecto místico, eram adorados e vistos como um ser superior, pela sua capacidade de se comunicar com os deuses da atração e proteção, na Grécia e na Roma eles eram totalmente marginalizados, vistos como seres incapazes de viver em sociedade e desumanizados.

Consequentemente, eram excluídos, obrigados a viver em miséria e condenados à morte, a exemplo, em Esparta, eram jogados de precipícios.

Na idade média temos os primeiros indícios do surgimento de uma língua para os surdos. Por interesses financeiros, as famílias nobres casavam-se entre si para que não houvesse a possibilidade de que sua herança saísse daquele núcleo. Com isso, o número de surdos progredia naquela sociedade. Ainda nessa época, a Igreja Católica obtinha grande responsabilidade no que diz respeito à exclusão para com os deficientes, segundo sua doutrina, o homem foi criado “segundo a imagem e semelhança de Deus”. De modo, que quem não se padronizasse, era marginalizado. Mas com os nobres tendo poder econômico e sendo, uma porcentagem, surdos, a igreja passou a se preocupar em instruí-los para que eles conseguissem seguir as diretrizes religiosas, e principalmente, para que o círculo de herança entre famílias não fosse rompido. Sobre isso, Honora; Frizanco (2021, pg 19) diz:

Foi então que ocorreu a primeira tentativa de educá-los, inicialmente de maneira preceptorial. Os monges que estavam em clausura, e haviam feito o Voto do Silêncio para não passar os conhecimentos adquiridos pelo contato com os livros sagrados, haviam criado uma linguagem gestual para que não ficassem totalmente incomunicáveis. Esses monges foram convidados pela Igreja Católica a se tornarem preceptores dos Surdos.

Foi na idade moderna que houve mais clareza sobre a surdez e significativas transformações à sua realidade. Apesar de ainda existir inacessibilidade em diversos contextos, foi obtido iniciativas na educação, medicina, assistência social e língua, comparado aos anos anteriores. Ainda aqui, as pessoas com deficiências - não somente os surdos – tornaram-se enfoque da Igreja Católica, para propagar a caridade, já que acreditavam que pessoas deficientes eram respostas de pecados dos seus antecedentes, e da medicina, que tentavam sanar suas dúvidas através de testes e pesquisas.

Nesse período, já era compreensível que os surdos não eram incapacitados intelectualmente, eles eram aptos aos aprendizados nos mais diversos campos. E essa ideia foi impulsionadora para que estudiosos se empenhassem em criações e adaptações de métodos de educação para os surdos. Honora; Frizanco (2021, pg 20) retratam:

No Ocidente, os primeiros educadores de Surdos de que se tem notícia, começam a surgir a partir do século XVI. Um deles foi o médico, matemático e astrólogo italiano Gerolamo Cardano (1501-1576), cujo primeiro filho era Surdo. Cardano afirmava que a surdez não impedia os Surdos de receberem instrução. Ele fez tal afirmação depois de pesquisar e descobrir que a escrita representava os sons da fala ou das ideias do pensamento.

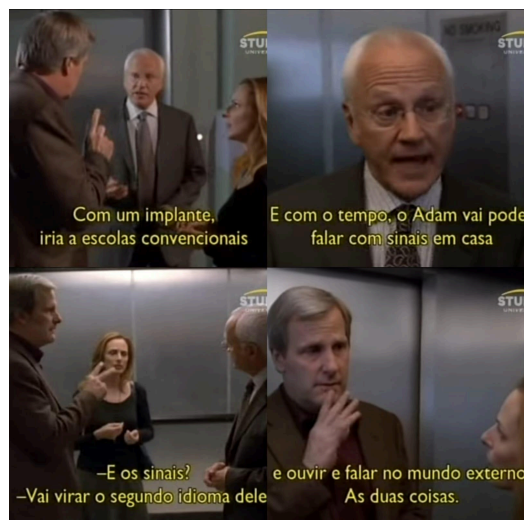
Ainda na idade moderna, o termo como “surdo-mudo” começou a ser debatido, tornando-se inteligível que não se tratava da mesma condição e que havia necessidade de abordagens distintas, para que houvesse progresso da comunicação. No decorrer da história, foi possível identificar três tipos de metodologias aplicadas à educação do sujeito surdo: oralismo - Segundo Limeira (2006, pg 83), definido como “Adjetivação dada àquelas abordagens que enfatizam a fala e a amplificação da audição e que rejeitam, de maneira explícita e rígida, qualquer uso da língua de sinais”. A autora ainda concorda com a ideia de Wrigley (1996, pg 15) de que “o oralismo tanto é uma ideologia quanto um método”. Ou seja, é, também, um conjunto de crenças, valores e princípios que visam modificar a visão de mundo, segundo Sá (2006).

A segunda metodologia é a comunicação total, que consiste no uso simultâneo de todos os recursos de comunicação existente - leitura labial, gestos, fala, escrita, datilologia, LIBRAS e códigos manuais - objetivando a “facilitação” da troca de ideias com o surdo e seu desenvolvimento intelectual. De acordo com a perspectiva de Capovilla (2000), esse método obteve mais sucesso que o primeiro e possuiu muitos pontos positivos, como, por exemplo, a possibilidade de maior comunicação entre eles e para com os professores e familiares. Mas logo notaram que esse método não foi o suficiente para consolidação de uma método efetivamente eficaz para os surdos. Ao refletirmos sobre isso, é imprescindível não concordarmos com a afirmação de Sá (2006, pg 85), que ela diz:

Seja como for, qualquer abordagem que não considere a língua de sinais como primeira língua e a língua utilizada por surdos proficientes como referencial é uma mera conveniência para os profissionais ouvintes que trabalham na área da surdez.

Não cessando por aqui, também surgiram defensores do bilinguismo – o uso das duas línguas ao mesmo tempo. Abaixo veremos um diálogo acerca das possibilidades que o implante coclear traria para o Adam, após, nos aprofundaremos sobre a temática do bilinguismo:

Figura 1- Bilinguismo.



Fonte: Compilação do Autor.

Inclusive, o bilinguismo seria o método proposto para o ensino do Adam pós implante coclear. Segundo Kumada (2016, pg 25) explica:

Contudo, o bilinguismo envolve muito além da presença de duas línguas no contexto educacional de aprendizes surdos, pois defende o surdo como um sujeito bilíngue e bicultural, assumindo suas especificidades linguísticas, culturais e identitárias. Nessa direção, apoia o contato e a comunicação precoce de crianças surdas com pares e adultos também surdos, com os quais podem compartilhar vivências e experiências visuais de mundo por meio da língua que lhes é natural, a Libras.

No caso do Adam, o pai, o Dan, se colocou no papel de rerepresentar o mundo através do ouvintismo¹ e fazer com que ele vivesse uma experiência contrária ao que ele estava incluído, que era conviver com outras pessoas surdas, na grande maioria do tempo. O diretor do instituto de implantes explica: “com um implante, iria a escolas convencionais. E com tempo, o Adam vai poder falar com sinais em casa.”; Dan questiona: “E os sinais?” E o diretor responde: “Vai virar o segundo idioma dele, irá ouvir e falar no mundo externo. As duas coisas.”. Há pontos e contrapontos diante da exposição do Adam em uma nova cultura e identidade - que é uma escolha muito particular do surdo e seus responsáveis - mas que observamos que a pressão para o

¹ Skliar (1998, p. 15) introduziu o termo ‘ouvintismo’ como: ‘... Um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Nessa perspectiva é que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas.’

uso deste método continua presente nos dias de hoje, colocando-a como “facilitadora” em seu convívio social.

Na sociolinguística, temos o Quadros (2006), que sustenta que a Libras é uma língua natural e plena. Também defende o ensino bilíngue, priorizando a Libras como primeira língua de instrução, e o português como segunda língua, priorizando a escrita. Nessa perspectiva, o acesso precoce à Libras favorece o desenvolvimento cognitivo, linguístico e a participação social de estudantes surdos, além de reconhecer a identidade linguística e cultural da comunidade surda.

Seguidamente, apresentaremos os principais nomes dentro dos estudos sobre surdez, todos retirados da obra *Quando a Mente Fala: História do Surdo-Mudo*, de Harlan Lane. Inicialmente, temos o monge beneditino espanhol Pedro Ponce de León (1510 – 1584), viveu no monastério no ano de 1570, e em voto de silêncio, utilizava de sinais rudimentares para se comunicar. Foi uma grande referência na educação de surdos, levando famílias de toda Europa ir encontrá-lo, para que seus parentes primogênitos surdos fossem ensinados a se comunicar através da Língua de Sinais e não perdessem o direito à sua herança, fato relatado acima. Leon instruiu muitos surdos e seus alunos foram pessoas importantes, que dominavam filosofia, sociologia, matemática e outras ciências.

Posteriormente, o Juan Pablo Bonet (1579 – 1633), ele foi padre espanhol, filólogo, soldado secreto do rei, pioneiro na educação dos surdos – desenhando o alfabeto manual- e idealizador da primeira obra que aborda tais temas, chamada *Redação das letras e artes de ensinar os mudos a falar*, o livro foi lançado em 1620. Bonet acreditava que facilitaria a alfabetização do surdo se eles tivessem contato com as letras em formato visível e não através do som.

Também, temos o Charles-Michael de L’Epée (1712 – 1789), ficou conhecido como o “pai dos surdos” por defender arduamente a Língua de Sinais, como também se dedicou a ser influente na língua para se comunicar com outros surdos. L’Epée foi fundador da primeira escola pública para surdos em Paris, chamada de Instituto Nacional de Surdo-mudo, no ano de 1760. Um dos principais motivos para alcançar o avanço intelectual dos surdos era fornecer conhecimento religioso para os mesmos.

Há diversos outros estudiosos que foram fundamentais para que tantas possibilidades chegassem à sociedade no geral, mas que facilitassem, especialmente, a participação da comunidade surda em ambientes antes impossibilitados de estar. Infelizmente, não chegamos a

uma solução definitiva, para que houvesse equidade, inclusão e extinção das problemáticas discutidas anteriormente. Mas esses pequenos passos dados na antiguidade até os dias atuais, foram atos de resistência e valorização de uma comunicação que desse vez as minorias existentes - em especial, os surdos.

2.1 - SURDOS NA IDADE CONTEMPORÂNEA

A partir daqui, na idade contemporânea, a compreensão do que é surdez ultrapassa a visão restrita sobre a deficiência, reconhecendo a mesma como uma diferença social, linguística e cultural, ainda que tenha havido deveras mazelas. No entanto, os avanços científicos, educacionais e tecnológicos das últimas décadas contribuíram para que essas experiências fossem ressignificadas, fortalecendo a comunidade surda e reconhecendo a Língua de Sinais como meio legítimo de expressão e interação. Sobre isso, Limeira (2006, pg 27 - 28) diz:

Creio que os próprios surdos têm, também, que começar a reconstruir seu passado – a história da surdez e dos surdos – e questionar seu presente, exigindo os direitos que são fundamentais para qualquer cidadão. É tempo de os surdos se envolverem de forma ativa e criativa no debate cultural e educacional sobre a educação de surdos. Este debate tem de ser ressuscitado, revigorado, redimensionado, reavaliado. Devem e podem fazê-lo analisando as pressões e os impedimentos, desvendando as relações de poder, mas também descobrindo as possibilidades de um futuro mais digno.

Baseando-se na ideia exposta anteriormente, na idade contemporânea tivemos um significativo balanço diante da inclusão da Língua de Sinais como meio de comunicação na comunidade surda. Mais uma vez, houve uma série de tomadas de decisões, que, injustamente, não envolvia a participação dos surdos, os mais afetados na sociedade. Quem estava à frente dessas situações eram estudiosos ouvintes, que mais traziam consigo a necessidade de um porquê sobre a surdez, do que a solidariedade de tornar o surdo parte do social.

Como exemplo, temos um dos maiores nomes nesse período: Jean-Marc Itard (1775 – 1838). Ele foi um médico cirurgião, francês, que se tornou residente no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris. Seguindo a ideia de Condillac (1750), ele acreditava que “as sensações eram a base para o conhecimento humano e que somente a experiência externa eram a fonte de conhecimento”. Com isso, Itard dedicou sua vida à tentativa de identificar a causa da surdez, levando-o ao uso da medicina como ferramenta de pesquisa. Ele utilizou de métodos desumanos para encontrar comprovações – descargas elétricas, sanguessugas e ventosas nos ouvidos e perfurações nos tímpanos dos surdos – consequentemente, as pessoas que participaram dos experimentos tiveram infecções, fraturas graves, traumas e alguns vieram a óbito. Seguidamente, vemos que essas situações são evidenciadas na análise fílmica em questão, como, por exemplo:

Figura 2 - Mazelas sofridas pela comunidade surda.



Fonte: Compilação do autor.

Trazendo um pouco da obra para prosseguir sobre as violências que a comunidade surda já vivenciou, vemos o diálogo que acontece no tribunal, este é um dos momentos em que as defesas do lado proposto, e que fazem parte da rotina do Adam, como também são possuidores do saber a acerca do universo dos surdos, vão depor. A falante em questão é a Jennifer Kramer - Professora da escola para Surdos e amiga da mãe do Adam. No momento de retratar sua opinião acerca do implante coclear - o que não é o ponto focal da nossa pesquisa - ela inicia lembrando uma das atrocidades em que a comunidade surda era exposta há anos atrás, como justificativa da sua objeção a tentativa de fazer o Adam se tornar um ouvinte e, conseqüentemente, um falante. Jennifer diz: “Fico com o coração partido. Há 100 anos, pegávamos as pessoas surdas e cortávamos a parte inferior das línguas delas, para afrouxá-la. Pensávamos que assim iriam falar, como nós”. Diante disso, nos faz pensar sobre dois aspectos: 1. Mesmo depois de anos, as marcas do passado ferem aqueles que sofreram por apenas serem diferentes. 2. A violência não acabou por completo, ela apenas se transformou, mas continua no meio social da comunidade.

Continuamente, após esse longo período de violência e regresso, Márcia Honora e Mary Lopes (2021) dizem: “Após 16 anos de trabalho incessante para chegar à oralização, Itard rendeu-se ao fato de que o Surdo só pode ser educado por meio da Língua de Sinais.”

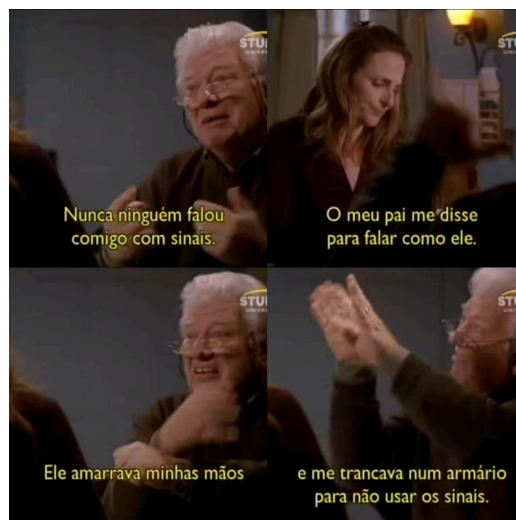
Não distante da perspectiva do Itard, temos o seu sucessor, o filósofo Joseph-Marie de Gérando (1772 – 1842), para ele, os surdos eram selvagens, que não acompanhavam a superioridade do povo Europeu. Além disso, discriminava o uso da Língua de Sinais por achá-la

limitada, fazendo com que os professores surdos, que educavam no Instituto Nacional de Surdos-mudos fossem substituídos por ouvintes, objetivando a exclusão absoluta da Língua de Sinais, acrescentando a oralização como meio de único de comunicação e educação. Acerca dessa ideia, Skliar (1998, pg 7) diz:

Foram mais de cem anos de práticas de tentativa de correção, normalização e de violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos.

É inevitável lermos esse trecho e não relacionar com uma das cenas finais da obra *Nada que eu ouça* (2008), através do desabafo de Max - avô paterno de Adam, surdo e ativista:

Figura 3- Opressão.



Fonte: Compilação do Autor.

Vemos assim, que a obra filmica retrata esta época em que se negou ao surdo sua forma de comunicação legítima - a língua de sinais. A partir daí nós entendemos a ânsia de respeito e lealdade à identidade surda que o Max busca cativar em toda família. Ele carrega a dor de alguém que foi violentado por simplesmente ser diferente, quando diz: “Nunca ninguém falou comigo com sinais. O meu pai me disse para falar como ele. Ele amarrava minhas mãos e me trancava num armário para não usar os sinais”. Há a mesma intenção entre o pai do Max e a iniciativa de

Itacard, na idade contemporânea: tirar o direito de autenticidade na comunicação, visando a utilização da língua normativa - mas não superior.

Segundo a ideia de Bourdieu (1989), na obra *O Poder Simbólico*, explica que os falantes das variações linguísticas sofrem avaliações negativas, não somente por questões ligadas à linguística, mas, principalmente, por hierarquias sociais. Bourdieu define essa ação como: violência simbólica, que é a sutil violência e dominação cultural por parte da maioria para com as minorias. A crítica ao preconceito linguístico mostra que todas as variedades são sistemáticas e funcionais; o que varia é o valor social atribuído a elas.

Ao mesmo tempo, a idade contemporânea foi marcada pela resistência e movimentos identitários da comunidade surda, chegou ao ponto deles mesmo reivindicar seus direitos educacionais, políticos, culturais e linguísticos. Associações, conferências e organizações passaram a ter papel fundamental nessa luta para alcançar espaço social, que resultou, no final do século XX, que diversos países reconhecessem a Língua de Sinais como meio legítimo de comunicação e interação. Grande marco histórico na cultura e identidade da comunidade surda.

No Brasil, a Língua de Sinais surgiu em torno do ano de 1987. A libras não é universal, apesar de ter alguns sinais parecidos, essa língua se difere de acordo com cada país. Mesmo tendo seu início há anos, somente no ano de 2002 ela foi legalmente definida como meio de comunicação dentro da comunidade surda.

“Art. 1º É reconhecido como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associada”
Parágrafo único - Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL,2002)

Com isso, notamos os vários anos em que essa minoria ficou desassistida de seus direitos, criando uma gigante brecha para que a população construísse seu conjunto de regras mediante seu próprio entendimento sobre surdez, língua e cultura para lidar com essa comunidade tão desumanizada. Apesar de diversas tentativas e mudanças, devemos concordar com Costa (2010) quando ela diz que “há algo que se impõe como característico nos textos pelos quais passamos: a imagem do surdo não humanizado ou a figura humana de natureza inferior, não aceita e não compreendida pela sociedade que busca figuras para representar este sujeito.”.

Diante de todos os levantamentos bibliográficos apresentados, é possível comprovar a

idéia inicial deste trabalho de que a comunidade surda sofreu as mais sérias violências em sua história, infelizmente, persistindo até os dias atuais - sendo afastados da sociedade e limitados de direitos que são de todos os cidadãos, justamente por serem desumanizados corriqueiramente. Assim, se faz necessário as pesquisas bibliográficas para combater o preconceito existente diante da Língua visual - espacial e o direito do surdo de usá-la socialmente, como única via de comunicação.

3- SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL - LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE.

Neste capítulo, haverá aprofundamento sobre o que é a sociolinguística interacional, como ela acontece, seus impactos e relevância da formação do social como um todo. Também, explicará como funciona a complexa relação entre língua, cultura e sociedade e como esse estudo multidisciplinar explica cada temática e o pertencimento de uma para com a outra, transformando a comunicação em uma ferramenta de poder.

De antemão, precisamos identificar o que a Sociolinguística Interacional aborda. Segundo a obra *Sociolinguística Interacional. Perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*, escrito pela professora Branca Falabella Fabrício (2021), explica que a partir do ponto de vista da Sociolinguística Interacional, a comunicação não será mais vista como modelos tradicionais mais estáticos, mas será estudada baseando-se na realidade rotineira dos falantes - trabalho, escola, feira, moradia etc - Sem a monitoração da fala. Segundo Falabella, (2021, pg 9):

O convite feito ao leitor é o de investigar o paradigma interacional, o que significa abraçar o fenômeno da comunicação e da linguagem como algo extremamente complexo, dinâmico, fluido e muitas vezes imprevisível, pois deriva de entendimentos linguísticos, sociais e culturais.

Ou seja, a Sociolinguística Interacional, constrói significados nas comunicações dos falantes a partir das ciências sociais, fortalecendo a importância de levar em consideração todo o contexto em que o falante é pertencente, desconstruindo a perspectiva do “certo” ou “errado” e recepcionando a variabilidade existente quando a conversação é espontânea. Também, a Sociolinguística Interacional celebra as diferenças e não as vêem como muro de afastamento, mas como caminhos de união para trocas e fortalecimento da comunidade como um todo. Falabella (2021, p. 79 - 80) enuncia:

A despeito de onde vivemos, a diversidade está em todos os lugares e afeta muito o que fazemos na vida cotidiana. Um grande e sempre crescente número de estudos sociolinguísticos atestam sua extensão e sua importância, frequentemente, até entre pessoas que se consideram falantes de uma mesma língua.

Assim, estas mudanças que ocorrem na língua surgem por particularidades culturais e sociais de cada país, estado, cidade e até mesmo bairros, assim como explica a Sociolinguística Interacional. Devemos ter consciência de que a língua não é uma ciência exata. Do início do

universo - independente da vertente da crença - até os dias atuais, ela já passou por inúmeras atualizações. Ao definirmos a língua como “viva”, assim como o poeta Olavo Bilac o fazia (1856 - 1918), nos referimos ao fato de existir uma necessidade de adaptação contextual em seu uso, para que não apenas haja troca de palavras - independente da maneira com que isso é realizado - sobretudo, entendimento diante do que é lido, falado e ouvido. Para Bagno (2009, p. 44):

Tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser. E essa razão de ser não tem nada a ver com a preguiça, o descaso, a corrupção moral, a falta de inteligência, a mistura de raças, e outras alegações preconceituosas que vêm sendo repetidas desde antes de Cristo.

Nesse trecho, Bagno explica que as mudanças ocasionadas na língua não pode definir os usuários dessas adaptações como pessoas menos intelectuais, pelo contrário, ele explica que toda interferência na língua existe um porquê. Faz-se necessário essa abordagem, para quebrar o preconceito linguístico presente na dinâmica social, que leva indivíduos arduamente defensores do uso da norma culta a marginalizar falantes que se desviam da norma padrão.

Segundo Bechara (2009), “A língua culta é a que se deve usar em situações solenes, oficiais e públicas. É a variedade linguística que, no plano da comunicação, garante a unidade da língua e permite a interação entre falantes de diferentes regiões”. Neste sentido, entendemos que o conhecimento da norma padrão é sim importante para que os indivíduos tenham a liberdade de transitar em diferentes meios de fala, especialmente, nas mais prestigiadas socialmente. Porém, o que traz o sentido real de comunicação inteligível é o domínio de consciência das variações existentes na sociedade.

A respeito disso, podemos exemplificar a diversidade linguística a partir da realidade brasileira. O Brasil é um país multicultural, segundo Quental (1996), é a mistura de diversos povos, fazendo da sociedade uma realidade multidialetal, ou seja, possuindo muitas diferenças em suas expressões de fala. Podemos exemplificar com essa citação extraída dos PCN's (1998, p. 29), que diz:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil, haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala.

Através da citação acima, entendemos que a língua e a maneira como é utilizada serve - dentre tantas coisas - como identificação regional. Ao tratarmos a língua como, também, ferramenta de propagação das raízes sociohistóricas do falante, vamos claramente, que ela deixa de se limitar apenas como meio de comunicação e passa a ser objeto de cultura e identidade, a Sociolinguística Interacional retrata excepcionalmente esta ideia. Sobre isso, Possenti (1996, p. 33) diz:

Todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunicação na qual todos falem da mesma forma, como em todas as sociedades, existem algumas diferenças entre os indivíduos ou grupos, e estas diferenças se refletem na língua.

O que Possenti relata é que a variação que carrego em minha forma de falar condiz com o âmbito em que fui inserido, servindo como meio de identificação da minha realidade sociocultural. Assim, comprovamos que a língua e cultura estão intrinsecamente ligadas, a cultura servindo como meio de formação do seu vocabulário - rico em termos referentes às atividades/ personagens/ lugares/ crenças e etc daquele local em específico - e a língua como meio de transmissão e preservação dessas diversidades culturais. Abaixo, vemos um recorte em que traz justamente essa perspectiva acerca da ligação da língua e cultura:

Figura 4 - Língua é cultura.



Fonte: Compilação do Autor.

Dentro do nosso *corpus* temos a certeza que a língua carrega uma fundamentação enorme no que diz respeito uma representação cultural. Esta explicação se deu em um questionamento

sobre como acontece a manifestação da cultura e como podemos defini-la. A personagem Barbara Cannon - Professora com doutorado em Linguística - é questionada com a seguinte pergunta: “Diria que a língua cria a cultura?” E ela responde: “É algo que utilizamos para definir qualquer cultura do mundo”. Ou seja, não podemos falar sobre a língua sem expressar nossa cultura através da mesma, elas são inseparáveis.

Completando esta linha de raciocínio, Bakhtin (1895 - 1975) retrata: “A língua é inseparável de seu conteúdo ideológico e social, cada palavra traz em si as intenções e valores de uma cultura.” Isso significa que cada palavra utilizada - independente do contexto - está impregnada de sentidos formados historicamente e culturalmente. Para Bakhtin, nenhuma língua é neutra, todas elas são atravessadas pela ideologia. Quando falamos, produzimos valores, crenças e perspectivas de mundo. Logo, se comunicar também é se posicionar, ainda que de maneira indireta.

Não obstante, a língua e a sociedade caminham juntas. É natural na história do mundo vermos a utilização da língua como ferramenta de sobrevivência social humana, usada para transmitir experiências, práticas e opiniões ao seu ciclo de convivência. Logo, quando uma língua ganha força como meio de comunicação de uma determinada sociedade, ela torna-se patrimônio entre seus membros, ainda que usem-na de maneiras diversas. Assim, entendemos que a apropriação de qualquer que seja a língua, faz do homem um ser sociocultural. Segundo Saussure (1988, 17):

[A língua] é somente uma parte determinada, essencial dela [da linguagem], indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Vista desta forma, entendemos que a língua é um fenômeno profundamente social, porque ela não pertence somente ao indivíduo, mas ao coletivo que a utiliza. Saussure (1988) explica que a língua é o conjunto de signos reconhecidos e utilizados pela comunidade, que só possui sentido porque é reconhecido, aceito e utilizado pelos seus falantes. A língua e a sociedade estão ligadas de forma complexa e dinâmica, sendo a sociedade o espelho da língua e a mesma dando sentido à sociedade.

Baseado em tudo que foi exposto, concluímos que a Sociolinguística Interacional é a abordagem interdisciplinar que nos explica que a língua é o produto sociohistórico final que permite a comunicação e troca de saberes; a cultura é o que molda os valores, peculiaridades e

costumes de um povo, refletindo sua visão de mundo e a sociedade é quem fará uso da união da língua e cultura para interagir, organizar e transformar a realidade local. Ou seja, essas três vertentes não podem ser avaliadas isoladamente, é justamente o conjunto da obra que torna possível a construção de um meio de expressão que possibilite o ato da troca.

4. LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.

Neste capítulo traremos uma discussão teórica sobre o que é a Língua Brasileira de Sinais; entenderemos a diferença entre língua e linguagem; iremos desconstruir alguns mitos sobre a Língua Brasileira de Sinais; entenderemos seus impactos à luz das Leis do Brasil / Constituição de 1988 e suas falhas em práticas, visando possibilidades de avanços linguísticos e inclusão, evidenciando-a como marcador identitário e cultural.

À luz do que foi exposto até o momento, podemos afunilar nossas perspectivas em duas vertentes para dar início a este capítulo. Primeiramente, a comprovação dos muitos anos em que a história da comunidade surda sofreu com alterações que causavam avanços e regressos em sua jornada até os dias de hoje. Segundamente, como a língua é fundamental para que haja integração do ser dentro da comunidade, possibilitando o pleno entendimento do que é falado, visto e ouvido, mas que, infelizmente, não é levando em consideração o plurilinguismo existente no Brasil e no mundo, resultando em segregação. Logo, não é difícil compreender que a desumanização do homem, em ambos os casos, é dada pela ausência da compreensão e aceitação da fala/língua do outro, que se difere da sua.

Nesse caso, precisamos entender alguns aspectos sobre a Língua Brasileira de Sinais. Primeiramente, é a sua autodefinição de língua, não de linguagem, apesar de serem usadas frequentemente como sinônimos, apresentam distinções fundamentais no estudo da linguística. Segundo Cegalla (2008, pg. 16), “Linguagem é a faculdade ou capacidade que o ser humano tem de exprimir o seu pensamento por meio de sinais sonoros ou gráficos”, ou seja, é a capacidade do ser humano se comunicar de maneira geral, sendo mais abstrata. Já a língua, segundo Saussure (1916, pg. 24), “A língua é um sistema de signos através dos quais os membros de uma comunidade se comunicam; é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que se aprende e se utiliza para interagir com os outros”, assim, ela é a manifestação mais concreta, um instrumento específico, possuindo um conjunto de regras para seu uso em comunidade. Dito isto, Honora (2009, p. 41), define a Língua Brasileira de Sinais como:

As línguas de sinais são naturais, pois surgiram do convívio entre as pessoas surdas. Elas podem ser comparadas à complexidade e à expressividade das línguas orais, pois pode ser passado qualquer conceito, concreto ou abstrato, emocional ou irracional [...]. Trata-se de línguas organizadas e não de simples junção de gestões. Por este motivo, por terem regras e serem totalmente estruturadas, são chamadas de LÍNGUAS. [...]. As

línguas não são universais. Cada uma tem sua própria estrutura gramatical, sendo assim, como não temos uma única língua oral, também não temos apenas uma língua de sinais.

À vista disso, constatamos que a Língua Brasileira de Sinais possui regras e é validada como língua. Diferente das línguas orais-auditivas, ela é visual-espacial, ou seja, depende de um conjunto de modalidades, que envolve expressões faciais, movimentos das mãos e o uso do espaço. Também, há toda uma estrutura linguística - fonologia (configuração de mão), morfologia (formação de palavras) , sintaxe (ordem e organização dos sinais nas frases) e semântica (construção de significados) - constituindo sua gramática própria. Fundamentando tais afirmações, temos Quadros; Karnopp (2004, pg 64), dizendo: “As línguas de sinais apresentam níveis de análise linguisticamente estruturados, envolvendo parâmetros fonológicos, processos morfológicos e regras sintáticas.”

Através do exposto anteriormente, percebemos como a sociolinguística interacional explica a variedade das interações presentes na LIBRAS. Ela nos lembra que a comunicação não é estática e única, ela se adapta conforme os participantes negociam sentidos e se entregam aos diálogo, permitindo haver interpretação de todas as partes existentes naquele contexto, sem que impeça a compreensão da troca de ideias. Assim, a língua é notoriamente um conjunto de fatores, praticados pelo social e moldados de acordo com cada necessidade presente naquele cenário.

Isso nos leva a tornar inteligível a quebra de senso comum que nos leva a deduzir que mímica/ português sinalizado/ gesto e LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) são sinônimos. Segundo Quadros e Karnopp (2004, pg 47) “A Libras não é uma simples mímica ou um conjunto de gestos soltos; trata-se de uma língua natural, com estrutura gramatical própria, capaz de expressar qualquer conceito”. Em outras palavras, a mímica é o conjunto de expressão gestual, sem gramática fixa e restrita ao contexto. Logo, igualar a Língua de sinais e a mímica implica minimizá-la, sendo que é uma língua complexa e natural. Como qualquer outra. Continuamente, teremos contato com um recorte que explica justamente a relevância da língua de sinais possui:

Figura 5- Dra. Cannon define como língua própria.



Fonte: Compilação do Autor.

Nesta cena uma das advogadas questiona: “a linguagem de sinais é uma forma de inglês, não é?” E a Dra. Cannon responde: “A linguagem de sinais não é inglês. Não, é uma linguagem propriamente oficial”. De antemão, devemos levar em consideração dois pontos: 1. Na captura representada acima, temos o idioma Inglês como base de exemplo, dado o fato que é um filme americano; 2. É preciso assistir a este filme com a perspectiva de que a linguagem reflete o contexto histórico da época, neste caso, a tradução, que hoje em dia, deve defini-la como Língua. No mais, a base de debate é a mesma: há oficialização própria para língua de sinais, ela possui sua complexidade e ela é única. Assim como o estudioso William labov (1966) defende que toda variedade linguística é sistemática e organizada.

Não somente isso, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é reconhecida oficialmente como meio legal de comunicação e expressão no Brasil. Isso foi estabelecido pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentado pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Temos diversas outras leis acerca da importância desta língua, assim assegurando os direitos dos falantes nos mais diversos campos sociais. A própria Constituição de 1988 traz decretos sobre promover igualdade, acessibilidade e inclusão, como o decreto Art. 5º, que retrata: “ Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.”

Mas devemos entrar em acordo que, apesar da notória relevância e grande conquista que foi a legitimação de tais leis para com os deficientes - nesse caso, em específico, os surdos-, apenas o desenvolvimento teórico delas não as qualificam, quando percebemos que as práticas

sociais não são condizentes. Silva; Rodrigues; Kauchakje; Maria (2003, pg 67) vai nos dizer: “Nesse sentido, embora a inscrição em leis e a implementação de políticas seja o resultado almejado pelos movimentos sociais que demandam direitos, isso não é suficiente, pois a garantia do seu exercício e sua efetividade reside, principalmente, na mudança de valores e atitudes”. Parafrazeando, precisamos entender e aceitar que só haverá real transformação quando a população promover inclusão através dos seus atos pessoais, sem esperar que isso ocorra apenas em cenários políticos. Isso não implica que não devemos cobrar das autoridades seus devidos posicionamentos e cumprimentos dos deveres e obrigações à eles confiados, até porque, é através do interesse mútuo que cada vez mais teremos valorização da diversidade.

Paulo Freire (1996) defende a ideia de que o ser humano não são apenas adaptadores do meio em que vivem, mas sujeitos capazes de intervir e modificar a realidade. Para ele, essas mudanças no mundo são possíveis por meio da ação e da reflexão crítica. Como aborda o próprio autor, Paulo Freire (1968, pg 78): “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Transformar o mundo é tarefa histórica dos homens”. Ademais, ao avaliarmos nossas possibilidades, observamos que a ferramenta mais potente que podemos usar para a evolução crítica do social é a proatividade do ser. Somente o querer - ação - acompanhado da educação são capazes de desmistificar preconceitos, romper barreiras de exclusão e fortalecer laços de empatia. Paulo Freire (1968, pg 84) segue, dizendo: “A educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Entendemos que para haver promoção da comunidade surda, sua história, língua, identidade e cultura, é primordial termos contato direto com os mesmos, é impossível aprender sobre o outro sem que ele fale por si, e é justamente um espaço seguro para que os surdos possam trocar saberes para com os ouvintes que falta. Há algumas possibilidades existentes para tanto: formar e capacitar profissionais, para que tenham domínio da língua e causa, para terem capacidade de ofertar aulas de LIBRAS para surdos e ouvintes - importante ressaltar que existem surdos que não sabem a Língua de Sinais, apenas gestos, que em sua maioria, são criados em núcleos familiares; Garantir uma educação bilíngue de qualidade - Sobre isto, Santana (2007, p. 164) fala:

Procurando fugir da necessidade de optar entre uma língua de base viso manual – que evidencia a surdez e, portanto, a deficiência e a diferença – e outra de base audioverbal – que reflete a normalidade –, surge uma possibilidade de resolver o conflito: proporcionar a aquisição das duas línguas para o surdo e torná-lo um bilíngue. Para tanto, os

principais responsáveis pelos surdos – seus pais – devem possibilitar à criança meios de adquirir tais línguas. Levar o filho para interagir com adultos surdos proficientes em língua de sinais enquanto eles próprios devem fazer aulas para adquirir essa língua.

Continuamente, é imprescindível a promoção de eventos e projetos que resgatem a história da comunidade surda e divulguem a trajetória da construção da identidade e cultura surda; assegurando a presença de um intérprete qualificado em órgãos públicos, espaços acadêmicos e órgãos de saúde, desse modo, alcançando a acessibilidade linguística e igualdade. Silva; Rodrigues; Kauchakje; Gesueli (2003, p. 63) explica:

Para os grupos minoritários, em particular os surdos, a inclusão diz respeito ao exercício de direitos, tais como o do acesso à cidade, aos equipamentos de educação, ao trabalho, à assistência e previdência social, à saúde, ao lazer e à cultura. Sobretudo, diz respeito não apenas à participação no cenário social já dado (instituições, estruturas de poder, cultura etc.), mas sim à participação na sua (re)configuração e (re)construção para que novos direitos relativos à diversidade sejam incorporados.

No trecho acima, vemos que a participação ativa dos surdos em decisões políticas, educacionais, culturais e de demais órgãos públicos, aliados a campanhas em prol da realidade das comunidades minoritárias - neste presente caso, os surdos - servem de fortalecedores para o reconhecimento da identidade, cultura e direitos da comunidade surda. Nesta situação, Silva; Rodrigues; Kauchakje; Gesueli (2003) nos lembra de algo muito importante: “A despeito dos enfoques e das ênfases necessárias, o desafio está em encontrar formas de sociabilidades que, mesmo que sempre conflituosas e em processo de mudança, conjuguem igualdade e diferença”. É mais que nítido, após anos de lutas, infelizmente, não conseguiremos moldar um cenário real totalmente a par de problemáticas, mas a intenção é que haja priorização de espaço de posicionamento para todos, em qualquer que for a questão discutida.

Tudo dito anteriormente, serve para reafirmar o que já abordamos no início deste trabalho acerca da Língua sob a ótica da sociolinguística interacional. Ela nos faz entender que a validação da língua só é possível acontecer se for praticada socialmente, uma vez que ela é efetivamente praticada nos encontros dos sujeitos - em situações reais e em diferentes contextos. Para defender este conceito, temos o sociolinguista Bagno (2003), considerando a língua como uma atividade social. Isto vale igualmente para Libras, que não é um conjunto de sinais, é uma língua viva. Assim, o uso da Língua de Sinais em diferentes cenários cotidianos - escola, hospitais, núcleo familiar e etc - servirá como veículo de consolidação do direito da comunidade de se comunicarem por meio dos sinais. É relevante ressaltar que, quanto mais espaços de uso forem

garantidos, mais os surdos poderão exercer sua cultura e identidade de forma autônoma. Por fim, olhar a língua com essa perspectiva, é reconhecer que a evolução LIBRAS depende das práticas sociais, como as demais línguas, assim como fundamenta a sociolinguística interacional.

5 - IDENTIDADE E CULTURA SURDA SOB A ÓTICA SOCIOLINGUÍSTICA

Este capítulo objetiva analisar como se constitui e a relevância que há na identidade e cultura surda, partiremos de uma perspectiva sociolinguísta interacional, buscando valorizar a língua como prática social. Visamos valorizar a comunidade surda nos seus mais diversos meios de convivência, considerando a LIBRAS como meio fundamental de comunicação, pertencimento e interação. Partiremos da certeza de que a surdez não se encaixa à ideia de limitação. Dito isto, notamos que os estudos surdos têm ganhado mais notoriedade nas discussões acadêmicas e sociais, buscando compreendê-la para além de uma condição física, promovendo o conhecimento sobre seus valores, língua e experiências próprias. Acerca disso, Skliar (1998, p. 5) explica:

Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político. Falar da diferença provoca, ao mesmo tempo, uma problematização sobre a oposição entre normalidade e anormalidade e, inclusive, a problematização da própria normalidade, do cotidiano.

Durante muito tempo a surdez foi vista como uma deficiência a ser corrigida, hoje, essa visão é contestada pelo movimento de pesquisa fundamentado acima, elevando o olhar social para a criticidade, humanidade e inclusão, reconhecendo suas particularidades e a riqueza linguística, cultural e identitária que os surdos possuem. Assim, faz-se necessário o aprofundamento da definição do que é a cultura e identidade surda e seus impactos na vida da comunidade.

Hall (1997) é um excelente autor no desenvolvimento da temática. Na página 10, ele apresenta três conceitos distintos sobre a identidade. O conceito iluminista, que acreditava na perfeição humana; o sociológico, que pregava a ideia da adaptação identitária, de acordo com o contexto; e a modernidade, que dizia que a identidade é fragmentada. Ele afirma que a identidade é algo que está em construção, uma “construção móvel”, que, constantemente, está se transformando e levando os sujeitos a diferentes lugares. Isso acontece por conta de alguns elementos, como a perspectiva política de cada indivíduo, o pertencimento cultural, a erosão com outras identidades e etc.

Reforçando essa ideia da fragmentação no que diz respeito à identidade surda, Choi et al (2011) nos lembra que apesar da LIBRAS ser uma das representações que carrega mais

reconhecimento, ela, por si só, não se torna um fato determinante da identidade surda, porque a existem diversos fatores que fazem parte da identificação, tais como experiências visuais, costumes, interesses, lutas em comum e tc. A identidade é uma construção sócio-histórica. Não possui conhecimento sobre o uso da Língua de Sinais. A sua fala reafirma o conceito dito por Choi et al (2011), que há uma gama de formas de expressão para além da Língua de Sinais. Não existe uma hierarquia de formas de identificação, todas são essenciais e complementares.

Continuamente, é importante ressaltar que se aprofundando no conceito, encontraremos diferentes identidades surdas. Segundo a pesquisadora surda Perlin (1998), podemos nos resumir a cinco modelos. 1. *Identidade surda*: aqueles que já nasceram com a deficiência e teve toda a vida envolvida em militância surda; 2. *Identidade surda- híbrida*: Sujeitos que nasceram ouvintes e perderam a audição no decorrer do tempo, que primeiro tiveram contato com a língua portuguesa e só depois aderiram a LIBRAS; 3. *Identidade surda de transição*: Surdos que foram fortemente instigados a ter experiências como ouvintes e só depois foram inseridos na comunidade surda; 4. *Identidade surda completa*: Surdos que vivem sob uma ideologia totalmente ouvintista; 5. *Identidade surda flutuante*: A autora os definem como vítimas da ideologia ouvintista, eles carregam um forte desprezo e negligência a cultura e comunidade surda:

Dito isto, notamos a presença de diferentes perspectivas e lutas, mesmo sendo sobre a mesma causa. O que vale a pena aprender é que para todas, há a necessidade de força, para que os surdos tenham poder de opinião. Segundo Skiliar (1998, p. 56): “O caso dos surdos dentro da cultura ouvinte é um caso onde a identidade é reprimida, se rebela e se afirma em questão da original. A identidade original estabelece uma identidade de subordinação em vista a alteridade cultural”.

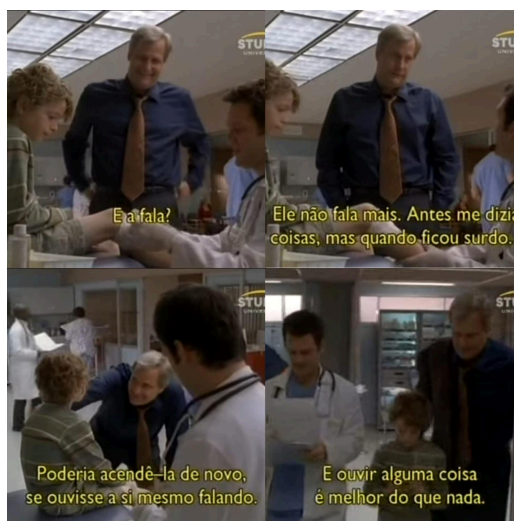
O que Skiliar diz é que dentro de uma sociedade predominantemente ouvinte, a identidade surda é constantemente reprimida. Mas há resistência por parte da comunidade, quando se reafirma de maneira própria contra a “identidade original”, que é a ouvinte dominante. Ao agirem como dominadores, possuidores de uma cultura, valores e identidades mais evoluída, a maioria (ouvintes) tornam a realidade dos surdos cruel. Desta forma, mostrando que a maior dificuldade deles não é a surdez, mas o próprio povo.

Falando em cultura, há décadas grandes estudiosos constroem diversas definições sobre a cultura, como afirma Moles (2005, pg 48) “Cultura, termo tão carregado de valores diversos que

o seu papel varia notavelmente de um autor para outro e do qual se enumeram mais de 250 definições”. Ainda que existam inúmeras pesquisas sobre o tema, grande parte da sociedade carrega a ideia de que a cultura é um conceito único. Essa visão de cultura singular vem de uma construção hegemônica, em que apenas uma é valorizada, priorizada e tida como padrão, ocupando todo o espaço e anulando a diversidade. Essa forma unitária do conceito deseja que todos sejam igualmente perfeitos para que haja pertencimento, caso contrário, a exclusão é posta em prática.

Na *Teoria Moderna* vemos, nitidamente, a prática da “cultura única”. Essa teoria marginaliza a alteridade e diferença, colocando o outro na posição de necessitado de transformação, diminuindo toda sua particularidade. O que fomenta ainda mais essas ações é que agora a cultura é usada para práticas sociais, como arma de ideologias. Souza (2005, pg. 2) diz: “Para esta sociedade a identidade e cultura são vistas como essencialista, substancialista, pronta e pura para esse grupo hegemônico”. Exemplo disso, dentro da obra fílmica, há essa captura abaixo:

Figura 6 - Escutar algo é melhor do que nada.



Fonte: Compilação do Autor.

Logo no início do filme, quando Adam acaba caindo no quintal de casa e precisa ser levado ao hospital, o médico, em uma conversa rápida, inicia o assunto com Dan Miller (pai do Adam): “Ele fala?”; Dan responde: “Ele não fala mais. Antes me dizia coisas, mas quando ficou surdo...” (olhar triste e negação com a cabeça); o médico afirma: “Poderia acendê-lo de novo, se ouvisse a si mesmo falando. E ouvir alguma coisa é melhor que nada”. Notamos que toda a cena

possui um tom muito preconceituoso e de luto desnecessário, por parte do médico, levando ao público a entender que o Adam deixou de existir quando ele perdeu a audição. Essa é uma das melhores representações dentro da obra para explicar como a *Teoria Moderna* enxerga o outro que não se iguala a ela.

Quando levamos em consideração a perspectiva da sociolinguística ao analisar a cena, temos a confirmação da ideia de Bagno (1999) de que não existe língua errada, o que existe é o preconceito. Ao ser tratado como inadequado na forma de se expressar - língua de sinais - o Adam é mais uma vítima do estereótipo que os ouvintistas depositam na comunidade surda.

As Teorias pós-moderna entende a pluralidade cultural, considerando as vivências ao redor do mundo e dos períodos que antecederam toda a história da vida humana, incluindo as particularidades econômicas e sociais. Dentre vários autores, temos o Helder (2005), que busca cruzar a multiculturalidade com a auto-identidade. Com essa mudança de perspectiva, a humanidade entende que as pessoas adquirem conhecimento através da língua, crenças, normas de comportamento e outras manifestações.

Strobel (2008) explica que a cultura é o conjunto de costumes que um grupo ensina aos membros através da convivência, o que a torna mutável a cada geração, já que eles possuem essa liberdade para contribuir através da ampliação e transformações. Continuamente, Strobel (2008, pg 18) diz:

Então, nesse campo de Estudos Culturais, a cultura é uma ferramenta de transformação, de formação, de percepção e forma de ver, constituída de jeitos de ser, de vida social, constitutiva de jeitos de ver, de compreender e de explicar. Essa nova marca cultural transporta para o interior do funcionamento da cultura, particularmente, como ela diferencia os grupos no que tange à emergência da “diferença”.

Através da fala de Strobel (2008) é possível compreender que a língua não é cultura, mas torna-se canal pelo qual a cultura é disseminada. Daí, surge a importância da defesa da surdez em prol da Língua Brasileira de Sinais. Continuamente, acima nos diz que ao estudarmos sobre cultura, entendemos que a mesma permite uma aproximação de indivíduos que dividem o mesmo pensamentos e vivências, fazendo com que eles aprimorem a forma de ver o mundo, levando-os a diferenciar-se dos demais grupos. Sendo assim, uma ferramenta de compreensão da vida em sociedade. Logo, é nítido a perspectiva de que a cultura não possui uma fórmula e não pode ser construída na solidão, ela depende da repetição coletiva dos costumes, que se atualizam, mas que decorrem dos seus ancestrais.

Baseado no que foi exposto, compreendemos que assim como a maioria, neste caso, os ouvintes, possui em essência em ser ouvinte, o surdo possui essência em ser surdo. Afirma Skliar (1997, p. 56):

A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais aproximadas da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Já afirmei que ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva.

Ou seja, não é porque a cultura surda não é compreendida por grande parte da sociedade - fruto da falta de informação - que ela não exista ou seja menos rica. Há perspectiva de que os surdos tenham a visualização do mundo e de si mesmos de maneira diferente, que reflete em uma das demonstrações de descrição do exterior, que é a Língua de Sinais, que por completude, consegue cumprir seu papel de comunicadora de maneira única. Não somente isso, como ela também é arma de posicionamento a opressão existente, reforçando a identidade e cultura deste povo. Compreender essa cultura significa reconhecer o valor em suas práticas sociais, interações e modos de significar o mundo, sem que isso implique hierarquia, poder e pertencimento.

Logo, entendemos que a Sociolinguística Interacional, segundo a perspectiva de Falabella (2020), mostra que toda língua se desenvolve dentro de um contexto social. Essa perspectiva dialoga diretamente com a com o contra-discurso dos surdos, debatido por Sá (2006), que é a reação à política linguística hegemônica, que por décadas privilegiaram a oralização e invisibilizaram a língua de sinais. Nessa perspectiva, temos a sociolinguística defende que todas as línguas e variedades merecem respeito, e o movimento surdo reforçando que a LIBRAS é uma língua completa e suficiente para fundamentar a identidade da comunidade surda. Assim, o contra-discurso surdo não apenas reivindica espaço, mas questiona modelos colonizadores, aproximando-se ainda mais da sociolinguística sobre poder, ideologia e diversidade. Sobre isso, Sá (2006, p. 309) diz:

Em diversos discursos pode-se observar a negação da diferença pela colonização dos ouvintes sobre os surdos, negando a estes, simultaneamente, seus significados, seus saberes e seus poderes. Em termos históricos, nem as perspectivas nem as preocupações dos surdos têm sido de real interesse para os que decidem.

Através da citação de Sá (2006), entendemos que não basta saber sobre a história, cultura e identidade surda, é necessário aceitar e respeitar que os resultados das suas vivências serão

diferentes dos resultados da vivência dos ouvintes, sendo igualmente relevantes e legítimas. A cultura surda é rica, plural e dinâmica, e deve ser reconhecida não como uma adaptação, mas como uma forma autêntica de existência no mundo. E intertextualidade - sociolinguística interacional e contra - discurso - fortalece a compreensão da língua como direito, reafirmando a necessidade inclusão e valorização da multiplicidade que compõe o tecido social.

Diante disso, percebemos que, durante todo o trajeto da obra filmica, houve a intenção de repassar a importância da luta dos surdos em prol da defesa do uso de sua própria língua como marcador de sua identidade e cultura surda, confirmando o que é proposto pela sociolinguística interacional. A intertextualidade, aliada à sociolinguística interacional e ao contra-discurso, fortalece a compreensão da língua como direito, reafirmando a necessidade de inclusão e valorização da multiplicidade que compõe o tecido social.

CONCLUSÃO

Concluimos então, que este presente trabalho de conclusão de curso cumpriu com o objetivo principal de discutir de maneira teórica, sob a ótica sociolinguística Interacional, como a língua, cultura e identidade da comunidade surda é apresentada na obra cinematográfica *Nada que eu ouça* (2008). No decorrer desta pesquisa, fica inteligível a grandiosa história de resistência que a comunidade surda passou e segue construindo, propagando, dentre tantas coisas, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), evidenciando que ela é mais do que um meio de comunicação: trata-se de um símbolo de pertencimento, afirmação identitária e cultural.

A análise fílmica, aliada ao embasamento teórico, representou que o preconceito linguístico é reflexo da ignorância social no que diz respeito à surdez, contribuindo para as mazelas significativas, assim, dificultando a concretização da igualdade e inclusão social. A obra cinematográfica escolhida abordou as tensões existentes entre o mundo ouvinte e o mundo surdo, comprovando como a imposição de uma língua hegemônica contribuem para o capacitismo e anulação da cidadania dessa comunidade

Nesse contexto, a Sociolinguística Interacional serviu de esqueleto organizacional, para fundamentar como acontece a complexa relação entre língua, sociedade e cultura, reconhecendo que a comunicação é dinâmica, resultado de interação cotidiana, sem monitoramento e diretamente construído por fatores sócio-históricos e identitários. Logo, a aceitação da LIBRAS como língua legítima é fundamental para o alcance de uma sociedade que celebre a diversidade e exerça a democracia.

Portanto, conclui-se que é dever coletivo a prática da valorização da diversidade linguística e cultural. Também, entende-se que a inclusão da comunidade surda não depende unicamente da criação de leis, mas, acima de tudo, da transformação mental e prática do social, para que haja compromisso efetivo. Desse modo, é idealizado que este trabalho seja instrumento de inspiração, fortalecimento, conscientização e fundamentação acerca da reflexão sobre respeito à diversidade e representatividade da comunidade surda em todos os espaços sociais.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.
- CAPOVILLA, Fernando César. **Educação de surdos: aquisição da linguagem e bilinguismo**. São Paulo: Memnon, 2000.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2008.
- CHOI, Daniel et al. **Bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de. **Tratado das sensações**. Paris: De Bure, 1754.
- COSTA, Valdelúcia Alves da. **Educação de surdos: desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FALABELLA, Fabrício. **Discurso, interação e vida cotidiana**. 2020.
- FONTANA, Roseli Cação. **Metodologia científica**. Curitiba: InterSaberes, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HELDER, Maria. **Multiculturalidade e identidade**. 2005.
- HONORA, Márcia. **Educação de surdos: linguagem e inclusão**. São Paulo: Cortez, 2009.
- HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes. **História da educação de surdos**. São Paulo: Cortez, 2021.
- KUMADA, Kate. **Educação bilíngue de surdos**. Curitiba: CRV, 2016.
- LANE, Harlan. **Quando a mente ouve: história dos surdos**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LIMEIRA, Maria Cecília. **Oralismo e educação de surdos**. 2006.

- MOLES, Abraham. **Sociodinâmica da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PANAFIEU, Jean-Charles de. **Análise do filme**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1998.
- PERLIN, Gladis. **Identidade surda**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUENTAL, Ana Maria. **Multiculturalismo e linguagem no Brasil**. 1996.
- SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de surdos: a caminho do bilinguismo**. Niterói: EdUFF, 2006.
- SANTANA, Ana Paula. **Educação bilíngue de surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- SILVA, Aline; RODRIGUES, Carlos; KAUCHAKJE, Samira; MARIA, José. **Direitos sociais e cidadania**. 2003.
- SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SOUZA, Regina Maria de. **Educação de surdos: exclusão e identidade**. 1999.
- SOUZA, Regina Maria de. **Cultura, identidade e diferença**. 2005.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.
- WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.